

**Com base nas leituras indicadas e material didático enviado, explique um impacto NEGATIVO da incorporação da tecnologia da Inteligência Artificial (IA) para as atividades de inteligência.**

Lui Martinez Laskowski

A chamada revolução nos assuntos militares, ou RAM, tem trazido consigo propostas de um futuro muito diferente no que tange produtos de inteligência. Em sua variante mais extrema, inclui a ideia de um “telescópio tecnológico”<sup>1</sup> perfeito, que por meio da coleta tecnológica e processamento automatizado forneceria ao usuário final um conhecimento dominante do espaço de batalha, ou *dominant battlespace knowledge*<sup>2</sup>. Algumas das ferramentas mais importantes na busca pelo “telescópio” são a inteligência artificial, as redes neurais e o *machine learning*, que quando desenvolvidas com escopo especializado seriam capazes de reduzir a enorme sobrecarga de dados brutos coletados pelos novos meios<sup>3</sup>.

É importante ressaltar, porém, que na busca pela inteligência ágil e em tempo real, - e sem sequer abordar os imensos problemas causados pela perda de qualidade que o uso extensivo de ferramentas automatizadas traz e trará<sup>4</sup> - certos obstáculos não são facilmente superados nem mesmo com ampla e exponencial evolução da tecnologia envolvida e da capacidade computacional dedicada à busca pela inteligência “em tempo real”<sup>5</sup>.

Para o bom gerenciamento de crises, nem sempre a decisão e execução rápida são o melhor caminho. A própria Crise dos Mísseis foi vista por conselheiros militares americanos como um caminho sem saída à ação militar antes de sua solução diplomática<sup>6</sup>, e só fugiu à confrontação porque a ausência de consenso no *politburo* foi descoberta pela inteligência humana norte-americana, permitindo negociações pacificadoras. As vantagens imediatas poderiam reduzir o tempo disponível à diplomacia para evitar a guerra e mesmo a confrontação nuclear - afinal, em sua forma atual, sistemas de AI de análise do espaço de batalha não incluem qualquer consideração a esforços diplomáticos, violando o princípio clausewitziano da guerra como continuação da política<sup>7</sup>.

---

<sup>1</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence services in the information age*. London, Frank Cass, 2001, p.53 ss.

<sup>2</sup> HERMAN, op. cit., p.54 ss.

<sup>3</sup> DAVIS, Zachary. *Artificial intelligence on the battlefield*. In: Prism, vol.8, n.2, p.119.

<sup>4</sup> DAVIS, op. cit., p. 124.

<sup>5</sup> HERMAN, op. cit., p.54 ss.

<sup>6</sup> HITZ, Frederick P. *Human source intelligence*. In: JOHNSON, Loch (org). *The Oxford handbook of national security intelligence*. Oxford, OUP, 2010, p.261.

<sup>7</sup> DAVIS, op. cit., p.122.

Esta desvantagem se conecta a outra - a ausência de soluções de *interpretação*, de importância particularmente notável na inteligência de fontes abertas<sup>8</sup> (OSINT), por sua vulnerabilidade à desinformação, e na inteligência de fonte humana<sup>9</sup> (HUMINT), capaz de fornecer não apenas observações, mas interpretações confiáveis sobre intenção e decisão. A incorporação de inteligência artificial como processamento automático de dados coletados poderia, assim, incentivar decisões impulsivas sem dar à inteligência humana e “textual<sup>10</sup>” tempo para esclarecer, mediante análise de fontes múltiplas<sup>11</sup>, os aspectos situacionais mais cruciais à manutenção da paz.

---

<sup>8</sup> HULNICK, Arthur S. *The dilemma of open sources intelligence: is OSINT really intelligence?* In: JOHNSON, Loch (org). *The Oxford handbook of national security intelligence*. Oxford, OUP, 2010, p.235.

<sup>9</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence services in the information age*. London, Frank Cass, 2001, p.53-54.

<sup>10</sup> Id.

<sup>11</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence power in peace and war*. Cambridge, CUP, 2004[1996], p.39 ss.